


A imprensa como fonte de pesquisa: Brasil e Moçambique


The press as a research source: Brazil and Mozambique

La prensa como fuente de investigación: Brasil y Mozambique


Maria Isabel Moura Nascimento*

 <https://orcid.org/0000-0001-6243-9973>

Gilberto Daniel Rafael**

 <https://orcid.org/0000-0002-5448-5520>

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi***

 <https://orcid.org/0000-0002-9646-8235>

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a utilização da imprensa como fonte documental no Brasil e em Moçambique, analisando sua contribuição para a compreensão dos fenômenos educativos. A relevância desta pesquisa reside na discussão sobre o posicionamento crítico do pesquisador, refutando a ilusão de que a imprensa atue como observadora neutra ou detentora de verdades absolutas. Adotou-se como referencial o materialismo histórico-dialético, com a utilização de procedimentos bibliográficos e documentais. Aferiu-se que, em contextos históricos distintos, como os do Brasil e de Moçambique, a análise da imprensa, como estratégia metodológica de estudo comparativo de duas realidades diferentes, evidencia, em suas linhas escritas, como um mesmo modo de produção engendra formas semelhantes de produção ideológica.

Palavras-chave: Imprensa e educação. Educação escolar e não escolar. Ideologia. Brasil e Moçambique.

Abstract: The aim of this article is to discuss the use of the press as a documentary source in Brazil and Mozambique and examines its contribution to understanding educational phenomena. The relevance of the study lies in its emphasis on the researcher's critical stance and its rejection of the assumption that the press acts as a neutral observer or conveys absolute truths. The study draws on historical-dialectical materialism and employs bibliographic and documentary research procedures. The findings indicate that, in distinct historical contexts such as those of Brazil and Mozambique, the analysis of the press as a methodological

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: <misabelnasc@gmail.com>.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Docente da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Rovuma (UniRovuma), em Moçambique. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: <grafael@unirovuma.ac.mz>.

*** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), *campus* de União da Vitória. E-mail: <aecmari@gmail.com>.

strategy for the comparative study of two different realities reveals, through its written accounts, how the same mode of production gives rise to similar forms of ideological production.

Keywords: Press and education. School and non-school education. Ideology. Brazil and Mozambique.

Resumen: El objetivo de este artículo es discutir el uso de la prensa como fuente documental en Brasil y Mozambique, analizando su contribución a la comprensión de los fenómenos educativos. La relevancia del estudio radica en la reflexión sobre la postura crítica del investigador y en el cuestionamiento de la idea de que la prensa actúa como observadora neutral o poseedora de verdades absolutas. Se adoptó como referente el materialismo histórico-dialéctico y se utilizaron procedimientos de investigación bibliográfica y documental. Los resultados muestran que, en contextos históricos distintos, como los de Brasil y Mozambique, el análisis de la prensa como estrategia metodológica para el estudio comparativo de dos realidades diferentes permite observar, a través de sus textos, cómo un mismo modo de producción genera formas semejantes de producción ideológica.

Palabras clave: Prensa y educación. Educación escolar y no escolar. Ideología. Brasil y Mozambique.

Ideologia, imprensa e educação

Nas últimas décadas, o número de estudos que utilizam a imprensa como fonte vem aumentando e trazendo resultados robustos para as pesquisas em História da Educação (Nascimento; Zanlorenzi; Leal, 2023; Pasquini; Toledo, 2014). A maioria dos resultados aponta para a necessidade de utilizar a imprensa como fonte de pesquisa para retratar determinada época, uma vez que “[...] a imprensa tornou-se objeto de referência para a apreensão e compreensão da história da educação” (Pasquini; Toledo, 2014, p. 266). Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo discutir a imprensa como fonte de pesquisa e como expressão de dois países, Brasil e Moçambique, nos quais os historiadores da educação vêm trabalhando em conjunto¹. Trata-se de um compromisso com a História da Educação, no âmbito do qual ambos os grupos de historiadores vêm avançando nos estudos sobre imprensa e educação, com base em documentos escolares e não escolares e em três aparatos ideológicos, a saber: imprensa, educação e ideologia.

No contexto do estudo da imprensa² como fonte de pesquisa, a ideologia³ não pode ficar limitada à ideia de “falsa consciência” da realidade, para que não caiamos nas armadilhas de “[...] tentativas equivocadamente concebidas de reduzir a ideologia à falsa consciência, que estão frequentemente associadas a uma visão rígida, fetichista de ciência” (Mészáros, 2011, p. 142). As diferenças sociais não podem ser naturalizadas, legitimando-se, assim, a exploração e a opressão tão presentes no sistema capitalista. Essa “falsa consciência” deve ser apreendida pelo pesquisador, a fim de que seja analisada e estudada na totalidade histórica em que se insere, na qual os fatos estão articulados em um todo que não é abstrato. Segundo Marx (2011, p. 57-58),

[...] para a relação mais simples e mais antiga em que os seres humanos – seja qual for a forma de sociedade – aparecem como produtores. Por um lado, isso é correto. Por outro, não. A indiferença diante de um determinado tipo de trabalho pressupõe uma totalidade muito desenvolvida de tipos efetivos de trabalho, nenhum dos quais predomina sobre os

¹ A Universidade Rovuma (UniRovuma), em Moçambique, e a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) desenvolvem pesquisas conjuntas na pós-graduação desde 2019.

² No contexto das produções brasileiras, muitos pesquisadores têm utilizado os impressos educacionais como fontes de pesquisa. Entre esses estudos, destacamos os trabalhos de Bastos (2002), Carvalho, Araújo e Gonçalves Neto (2002), Luca (2008) e Nascimento, Zanlorenzi e Leal (2023).

³ Marx (2017), Lukács (2010), Mészáros (2011), Chaui (2016) e outros teóricos marxistas contemporâneos compreendem a ideologia como uma representação distorcida da realidade, constituída a partir de uma falsa consciência sobre a construção histórica da sociedade e sobre a relação entre burguesia e proletariado.

demais. Portanto, as abstrações mais gerais surgem unicamente com o desenvolvimento concreto mais rico, ali onde um aspecto aparece como comum a muitos, comum a todos.

Trata-se de um processo mais complexo, pois a ideologia constitui uma razão que opera no interior das sociedades como se fosse um ser supremo, criando uma ordem sustentada por experiências e relações concretas, travestidas de leis tomadas como universais. Nesse processo, os seres humanos produzem ideias dissociadas da realidade concreta.

A ideologia faz-se presente de forma sutil na imprensa, por meio de uma “lógica” que o próprio sistema mantém dentro de si, criando racionalidades imanentes à realidade da classe dominante, a burguesia. Esse processo ocorre de forma contínua, por intermédio de indivíduos ou grupos que constroem a si próprios como sujeitos, moldando sua identidade, suas emoções, seus pensamentos e seus modos de vida.

É importante observar a luta de classes como um elemento histórico, pois ela é o próprio motor que impulsiona, tensiona e transforma o sistema. O movimento do sistema ocorre em razão das contradições e dos conflitos de classe. A constituição e, portanto, a definição das classes, das “[...] frações, das camadas, das categorias, não podem ser feitas senão tomando em consideração o fator dinâmico da luta de classes. [...] Depende do processo histórico” (Poulantzas, 1977, p. 65).

O papel da ideologia assenta-se nas representações produzidas pelos processos ideológicos, que induzem formas coletivas de pensar e agir em uma realidade impregnada de contradições. Essas representações camuflam a realidade com o objetivo “[...] de impor os interesses particulares da classe dominante [...]”, uma vez que “[...] esse corpus produz uma universalidade imaginária” (Chauí, 2016, p. 247), apesar da existência de classes sociais com interesses e direitos completamente antagônicos. A classe dominante atua no interior dessa organização por meio de estratégias pensadas e elaboradas para a manutenção da dominação. Para Marx e Engels (2007, p. 47):

Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.

A imprensa caminha lado a lado com os grandes acontecimentos, deixando o registro de uma época ou de um momento que delinea os interesses de determinados grupos que, de alguma forma, estão no poder. Seja por fatores econômicos, seja por fatores políticos, esses grupos produzem imagens e textos que registram parcelas da história de um país. A imprensa está “[...] aliada à classe burguesa e [...] esses discursos precisam ser desvelados de forma crítica, no âmbito da disseminação de informações [...]” (Rafael; Nascimento, 2024, p. 24), contribuindo para formar, na população, determinada visão de mundo.

Essas histórias são carregadas de intencionalidades e registram a consciência do passado de determinado grupo. Cabe ao pesquisador historiador investigar essas sociedades, buscando compreender o passado para que possamos atuar em um presente renovado. O passado deve ser considerado “[...] ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido do passado’ na sociedade e localizar suas mudanças e transformações” (Hobsbawm, 1998, p. 22).

A imprensa é o baluarte que publiciza textos que apresentam, de forma ideologicamente ilustrada, as “verdades” da classe dominante. Com a “[...] dominação [...], a eficácia da ideologia depende de sua capacidade para produzir um imaginário coletivo em cujo interior os indivíduos

possam localizar-se, identificar-se e, pelo autorreconhecimento assim obtido, legitimar involuntariamente a divisão social” (Chauí, 2016, p. 246-247).

Outro aspecto fundamental da imprensa é sua capacidade de ocultar as verdades. Quando as revela, faz isso para atender aos interesses da classe dominante. Para quem trabalha com a imprensa, é preciso compreender que ela também pode ser

[...] nuclear, na ideologia, que ela possa representar o real e a prática social através de uma lógica coerente. A coerência é obtida graças a dois mecanismos: a lacuna e a “eternidade”. Isto é, por um lado, a lógica ideológica é lacunar, ou seja, nela os encadeamentos se realizam não a despeito das lacunas ou dos silêncios, mas graças a eles; por outro lado, sua coerência depende de sua capacidade para ocultar sua própria gênese, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada desde todo o sempre, como um “fato natural” ou como algo “eterno” (Chauí, 2016, p. 51).

Para utilizarmos a imprensa de forma crítica, desmascarando as falsas informações, é preciso levar em conta as contradições que se materializam nas ações e relações entre pessoas concretas, divididas em classes. É preciso considerar, igualmente, a ação concreta expressa na imprensa, fruto dos eventos ou fatos relatados sobre a realidade, reconhecendo que “[...] os processos históricos são mediados e fazem parte de uma totalidade” (Zanlorenzi; Nascimento, 2020, p. 1181). Trata-se de uma totalidade que nos interessa compreender em face da materialidade da vida humana. Essa realidade é política, social e histórica e pode favorecer a classe dominante, como resultado da correlação de forças políticas na luta de classes, uma vez que, até “[...] os nossos dias, a história de toda a sociedade não tem sido senão a história das lutas de classes” (Marx; Engels, 1965, p. 32).

Utilizar a imprensa como fonte é buscar conhecer os sentidos e os significados que não estão aparentes e que são frutos do meio social em que os seres humanos estão inseridos. É dessa forma que se constrói o conhecimento. Precisamos estar atentos para não reproduzir o óbvio como uma verdade já estabelecida ou como um dogma que não se discute. Considerar a imprensa como fonte na educação não significa tomá-la como uma verdade absoluta, mas, sim, “[...] como parte de uma totalidade, sendo ela também uma própria totalidade e reflexo do modo de produção, ultrapassar os muros escolares possibilita verificar as contradições que envolvem a sociedade [...]” (Zanlorenzi; Nascimento, 2020, p. 1184).

Entendemos o conhecimento como a compreensão do real concreto. Ao nos aproximarmos dele, percebemos que se trata de um concreto dinâmico e em constante mudança. Conforme Marx e Engels (1993, p. 36-37):

A produção de ideias, de representações, da consciência está [...] diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. [...]. Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência e o ser dos homens é o seu processo de vida real. [...]. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.

A imprensa, como fonte de pesquisa, é um instrumento que nos possibilita compreender o movimento da história e as ideologias presentes, muitas vezes maquiadas nas matérias publicadas em jornais ou revistas. Por isso, é sempre necessário chamar atenção para o fato de que não existe neutralidade, mas, sim, a representação do “[...] projeto de mundo de quem a controla, ela expressa as relações políticas e sociais de um tempo, de uma sociedade em transformação, e as suas contradições muitas vezes são reveladas como reforço das ideologias das classes dominantes”

(Nascimento; Zanlorenzi; Leal, 2023, p. 6). Nesse sentido, a imprensa abre possibilidades de investigação das representações da realidade.

A imprensa e a educação como fontes no Brasil e as transformações do capitalismo

O desenvolvimento capitalista no século XIX indica que a imprensa teve papel preponderante na ascensão da classe burguesa e na defesa dos interesses dessa classe, constituindo-se ambos mutuamente. Nesse cenário, muitas contradições eram visíveis na estrutura do poder, que precisava se acomodar entre a burguesia (expressão do capitalismo ascendente) e o latifúndio pré-capitalista (resquício do longo passado colonial). É nesse contexto que a educação se apresenta como estratégia para o projeto de nação. Com o Ato Adicional de 1834, a educação primária passou a ser responsabilidade de cada província, em um processo que levou mais de 20 anos para se consolidar em todo o território nacional.

No final do século XIX, surgiram os grupos escolares, inicialmente em São Paulo, em 1893. Nesse período, as inspetorias de ensino e os periódicos educacionais, utilizados como fontes ou canais de divulgação, chegaram aos lugares mais longínquos do país com notícias sobre métodos e conhecimentos educacionais. No início do século XX, ampliaram-se os olhares para a educação e seus métodos de ensino. Foi nesse momento que um grupo de intelectuais reformadores, posteriormente denominados “Pioneiros da Educação Nova”, entre os quais Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Cecília Meireles, iniciou uma discussão fundamentada na defesa de que o ensino deveria ser gratuito e constituir uma obrigação do Estado.

A escassez de formação docente foi preponderante para a utilização desses periódicos como instrumentos de comunicação, autopromoção e divulgação de práticas pedagógicas consideradas adequadas. Assim, ao publicarem textos, estudiosos e intelectuais registravam o conhecimento (oficial e público) para um pequeno grupo de pessoas alfabetizadas, nesse caso, professores e professoras, muitas vezes leigos/as, pois a maioria da população era analfabeta. Com a Era Vargas, a partir de 1930, começou a chamada expansão urbana e, com ela, surgiu um pequeno público de leitores que passou a criar revistas e a participar mais ativamente dos jornais.

A aparente estagnação do acesso da classe trabalhadora à cultura decorria do acesso restrito à escolarização em uma sociedade dividida em classes e submetida à classe dominante, a burguesia: “Em toda sociedade dividida em classes, a cultura intelectual, a ciência e a arte são filhas da classe dirigente e têm por objetivo, em parte, satisfazer diretamente as necessidades de desenvolvimento social e, em parte, satisfazer as necessidades intelectuais dos membros da classe diretora” (Luxemburgo, 1984, p. 56).

A imprensa no Brasil passou por muitas transformações de natureza política, social, econômica e histórica, pois, desde sua criação até as formas mais elaboradas de comunicação, tem acompanhado o movimento histórico, principalmente como instrumento de propagação de ideias para a manipulação do consenso. Desde os primeiros periódicos⁴, que “[...] iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo [...]” (Martins; Luca, 2008, p. 8), verifica-se que a imprensa não se resumiu a um veículo de informação, mas foi, ao mesmo tempo, “[...] objeto e sujeito da história brasileira” (Martins; Luca, 2008, p. 8).

⁴ O primeiro periódico impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançada na capital em 10 de setembro de 1808 pela Imprensa Régia. “Mas, apesar de oficial, sem liberdades críticas, na prática, ela [a *Gazeta*] foi apenas o segundo jornal da história da imprensa brasileira a: o periódico pioneiro desta terra brasilis foi o *Correio Braziliense*, editado na Inglaterra pelo brasileiro Hipólito José da Costa, que o lançou apenas três meses antes da *Gazeta*” (Biblioteca Nacional Digital, 2026).

Nesse sentido, toda forma de imprensa cumpriu um papel na legitimação de uma ideologia voltada à manutenção de determinado modo de produção. Por utilizar formas consensuais, seja em um jornal de grande circulação, seja em um periódico educacional, não é possível considerar a imprensa isenta de contribuir para a difusão das ideias liberais que sustentam o capitalismo, como a individualidade e a meritocracia. Consolidou-se, assim, uma imprensa de cunho liberal, característica dos países capitalistas, marcada pela defesa ilusória da liberdade individual, da liberdade de expressão e de imprensa, da limitação do poder do Estado e da economia de mercado, própria do liberalismo econômico.

A imprensa e a educação como fontes em Moçambique

Uma breve radiografia da imprensa, considerando as realidades coloniais moçambicana e brasileira, permite-nos aferir que “[...] as regras básicas estabelecidas para as colônias não são diferentes umas das outras” (Hohlfeldt, 2009, p. 139), o que viabiliza a investigação sobre a imprensa e permite reconhecer “[...] a unidade da colonização portuguesa sob a perspectiva de uma só estratégia e política” (Hohlfeldt, 2009, p. 140).

Não se pode ignorar o fato de que “[...] a política portuguesa em face de suas colônias, ao contrário de Espanha, atrasou em cerca de trezentos anos a implantação da imprensa em seus territórios” (Hohlfeldt; Grabauska, 2010, p. 195). Não obstante, a imprensa em Moçambique e no Brasil colonial ressentiu-se dos aspectos negativos da colonização, uma vez que “[...] Portugal trata igualmente aos desiguais, não distinguindo políticas de desenvolvimento diferenciado para as suas colônias, o que vai provocar consideráveis atrasos” (Hohlfeldt, 2009, p. 140). Entendemos que a implantação da imprensa em qualquer sociedade deve considerar a realidade local e as condições materiais, de forma a salvaguardar o interesse público e contribuir para a construção da realidade.

Observe-se que “[...] em Moçambique a imprensa se inicia em 1854, também com a criação de um *Boletim Oficial*, que se publica a partir de 13 de maio daquele ano” (Hohlfeldt, 2009, p. 140-141). A utilização da imprensa em Moçambique, de 1975 aos nossos dias, teve o intuito de informar e formar a opinião pública nacional e internacional, realidade evidenciada nas informações nela contidas. A imprensa ocupou um lugar relevante como veículo de difusão de informações nos âmbitos político-ideológico, sociopolítico e econômico. No caso do Brasil, o país “[...] só conhece a imprensa em 1808, quando a família real, por força da invasão de Napoleão Bonaparte e a pressão da Inglaterra, termina por deslocar-se de Lisboa para o Rio de Janeiro. Com isso, cria-se a Imprensa Régia e logo depois nosso primeiro jornal, a *Gazeta do Rio de Janeiro*” (Hohlfeldt, 2009, p. 140).

Moçambique e Brasil, duas colônias portuguesas, tiveram, na gênese de sua imprensa, a “imprensa não oficiosa”, que não representava legalmente a administração, e a “imprensa oficiosa”, quer dizer, a imprensa oficial. No tocante à imprensa oficiosa, “[...] no Brasil, encontraremos o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa, a partir de junho de 1808, desde Londres” (Hohlfeldt, 2009, p. 141) e, em Moçambique, “[...] o Progresso, de 9 de abril de 1868 [...] editado a partir da ilha do mesmo nome” (Hohlfeldt, 2009, p. 142).

Na realidade social moçambicana de outrora, durante a Primeira República, entre 1975 e 1990, no período pós-independência, a imprensa difundiu os posicionamentos dos poderes públicos em um contexto de construção de uma sociedade socialista e de posterior transição para o sistema capitalista. Sua vinculação ideológica não depende apenas do sistema vigente, mas também das escolhas político-ideológicas governamentais diante das opções econômicas adotadas, atreladas a determinados sistemas político-econômicos.

Por meio das leituras e releituras dos discursos e das informações de determinada época, a imprensa possibilita a análise, a crítica e a compreensão histórica do compromisso dos poderes públicos diante dos interesses de classe, seja da burguesia, seja da classe trabalhadora. Desse modo, permite explorar as contradições presentes no cotidiano dos indivíduos e/ou das coletividades, particularmente na realidade social moçambicana e, talvez, na realidade de outras nações, pois “[...] são as contradições entre as forças produtivas e as relações sociais de produção que geram a história humana” (Ciavatta, 2023, p. 1). A imprensa apresenta-se, assim, como um instrumento que viabiliza reflexões sobre a educação e sobre as condições materiais existentes na realidade social.

Nesse sentido, a imprensa funciona como ferramenta metodológica e fonte documental essencial para o pesquisador, permitindo produzir conhecimento e reconstruir a história dos seres humanos. A história é compreendida como “[...] área de conhecimento que pode revelar como se produz a vida social, que pensamentos, sonhos, aspirações e interesses impelem os homens nas suas opções de vida” (Franco, 1994, p. 28). A imprensa documenta, por meio de seus escritos, a história do povo e da sociedade na qual está inserida. Outrossim, “[...] a imprensa possibilita a análise de paradigmas educacionais e filosóficos construídos historicamente” (Pasquini; Toledo, 2014, p. 266), o que justifica seu uso como fonte nas pesquisas do campo educacional e de outros campos, considerando os discursos expressos sobre a realidade.

Desse modo, na análise histórica realizada por meio da imprensa como fonte de pesquisa, “[...] suas exigências são as mesmas de todas as formas de fazer história (conceitos e procedimentos de análise empírica-documental, a crítica dos documentos, o cruzamento de fontes etc.)” (Ciavatta, 2023, p. 7). A imprensa mostra-se como um campo a ser explorado pela comunidade acadêmica, útil para a pesquisa em Educação e para a produção de conhecimento.

A análise do que foi expresso pela imprensa periódica possibilita-nos “[...] falarmos aqui da historicidade dos fatos ou acontecimentos narrados” (Ciavatta, 2023, p. 7). Note-se que a imprensa periódica, sobretudo a educacional ou, mais especificamente, a pedagógica, é escassa no país. Foram identificados três periódicos educacionais destinados a uma população com elevadas taxas de analfabetismo e que enfrentava desafios relacionados à formação inicial e continuada dos professores: *O Nosso Posto* (1969-1974), publicado antes da Independência Nacional; e, no período pós-independência, o *Jornal do Professor* (1982-1984) e o *Contacto* (1992-2010) (Niuiaia, 2019).

Esses periódicos difundiram informações em realidades impregnadas de ideologia, marcadas por diferentes contextos históricos. *O Nosso Posto* circulou durante a Luta Armada de Libertação Nacional, ocorrida entre 1964 e 1974. Essa luta, orientada pela aspiração à independência, procurou aglutinar a população em torno de ideais nacionalistas, movidos pelo espírito revolucionário e pela defesa da Unidade Nacional. Nesse contexto, a imprensa atuou em uma realidade colonial contraditória, marcada pela exploração dos seres humanos, sobretudo da força de trabalho.

Cabe ainda destacar a *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane – Série Ciências da Educação*, cuja primeira edição foi publicada em 2012; a revista *UDZIWI*, cuja primeira edição foi lançada em 2010; e a *Revista Moçambicana de Ciências e Estudos da Educação – Kulambela*, cuja edição inicial foi publicada em 2014. Essas e outras revistas difundidas em instituições de Ensino Superior moçambicanas tendem a explorar a totalidade social e as contradições e mediações inerentes a ela.

As contradições “[...] com as relações de produção que dão forma e condições de vida e de trabalho aos seres humanos” (Ciavatta, 2023, p. 3) não se limitam ao período colonial. Na Primeira República, a construção da sociedade socialista – que assumia o socialismo como sistema político-econômico, em uma economia de planificação centralizada – circunscreveu-se à luta entre a classe trabalhadora, representativa das massas populares e detentora do poder popular, e a burguesia,

classe que deveria ser combatida. Nesse contexto, a escola apresentava-se como um lugar no qual o povo tomava o poder. Nos discursos nacionalistas, essa burguesia era entendida, sobretudo, como uma pequena burguesia que pretendia permanecer no poder e era vista como uma extensão do colonialismo. Nesse sentido, Bottomore (2013) considera que inexistente contradição entre a historicidade do pensamento e a existência de seus objetos.

Tais contradições ganharam força com a adesão do país aos organismos internacionais, em busca de capital para que o governo pudesse financiar sua economia e superar o subdesenvolvimento. Referimo-nos, neste caso, ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial (BM). A imprensa foi mostrando os caminhos trilhados pelos poderes públicos na busca, inicialmente, de financiamento econômico e, posteriormente, de financiamento socioeconômico. A compreensão dessas contradições a partir da imprensa, considerando-se as diferentes categorias de análise diante da natureza do capitalismo, mostra-se necessária, pois, na perspectiva de Marx, de acordo com Bottomore (2013), as categorias fundamentais da economia política eram históricas.

As contradições estão presentes, como se observa na edição n.º 316 da revista *Tempo*, quando “[...] se levanta uma série de obstáculos à transformação da nossa economia numa economia verdadeiramente ao serviço do povo” (Organizar [...], 1976, p. 20). Também se manifestam quando a burguesia, representada pelos detentores do capital, propõe-se a financiar a economia, negligenciando o componente social. Nesse contexto, as massas populares sujeitam-se a condições de trabalho nas quais vendem sua força de trabalho não para alcançar o bem-estar social, mas apenas para sobreviver à crise que assolou o país na década de 1980.

Essa crise decorreu da situação econômica resultante, por um lado, da “[...] ação de sabotagem da nossa economia. [...] fuga maciça de técnicos, a transferência ilegal de divisas, o roubo e a destruição de maquinaria e equipamento” (Organizar [...], 1976, p. 20); e, por outro, da guerra civil e das intempéries que atingiram o país e que, até os nossos dias, ocorrem sistematicamente. Esses acontecimentos afetam os estabelecimentos de ensino e a educação de modo geral, com a destruição de escolas, salas de aula e outras infraestruturas sociais.

Em seu propósito de informar a opinião pública, a imprensa documenta sistematicamente esses acontecimentos, de acordo com os interesses subjacentes, sejam eles dos detentores do poder, dos detentores de capital e dos meios de produção. Atua, portanto, em uma realidade material que evidencia as consequências da guerra e dos desastres naturais, como cheias e secas cíclicas, que afetam alunos, professores e suas famílias, bem como as Zonas de Influência Pedagógica e os estabelecimentos de ensino nelas integrados.

Nessas situações calamitosas, a imprensa difundiu informações de caráter preventivo e divulgou as medidas tomadas pelos poderes públicos, tanto no que diz respeito às alterações das datas de abertura e encerramento do ano letivo quanto em relação às escolas danificadas, às necessidades de reconstrução e às instituições escolares que funcionavam como centros de acolhimento de alunos e de suas famílias, deslocados de zonas de risco ou inundadas.

A imprensa também difunde informações a respeito das perdas de material escolar e das necessidades emergenciais futuras, em um contexto no qual “[...] as relações entre os sujeitos (alunos e professores) deviam se basear no nacionalismo e na emancipação” (Zimbico, 2019, p. 67) em Moçambique. A imprensa, como fonte de pesquisa, não pode ser analisada por meio de um olhar superficial, restrito à aparência, pois é necessária uma investigação que se concentre na estrutura social e naquilo que Marx, segundo Bottomore (2013), considera relações de classe. A imprensa generalista, como a revista *Tempo*, “[...] acompanhou a evolução da escolarização em Moçambique, podendo ser considerada uma agência de análise dos problemas do sistema, capaz

de orientar o pensamento educativo” (Zimbico, 2019, p. 68). Essa revista foi “[...] fundada no fim da experiência colonial portuguesa em Moçambique” (Bussotti, 2024, p. 16).

Portanto, a imprensa, “[...] como fonte de localização deste debate educacional” (Zimbico, 2019, p. 68), abre espaço para que, mediante uma análise rigorosa e sistemática, possamos olhar para o passado e, com procedimentos e métodos concretos, compreender a história, especificamente a História da Educação, a partir das matérias difundidas durante a vigência dos impressos periódicos. Essa análise permite, igualmente, “[...] compreender a exploração do trabalho e a reprodução e acumulação do capital; a apropriação privada da riqueza social resultante do trabalho humano que aciona materiais e recursos técnicos e tecnológicos” (Ciavatta, 2023, p. 4).

As reportagens, as notícias educacionais, os discursos de diferentes atores públicos e sociais e os editoriais da imprensa periódica podem ajudar-nos a aprofundar a compreensão da realidade social e da totalidade marcada por contradições de diferentes ordens nas relações entre capital, produção e mão de obra assalariada. Essa análise considera as finalidades do trabalho humano no setor da educação, ainda que se reconheça, como expresso na edição n.º 316 da revista *Tempo*, que “[...] não há luta política, sem consciência política” (Organizar [...], 1976, p. 20), ressaltando-se o papel da educação e do trabalho educativo na formação humana. Um trabalho que subjuga os indivíduos e a coletividade, aliena e desumaniza, em vez de emancipar, é questionável e contraditório. Questionar a historicidade do objeto investigado, com base no que foi expresso na imprensa, implica considerar a educação como lugar de produção material e refletir sobre sua concretização em um contexto político e ideológico específico, situado no espaço e no tempo.

A imprensa como fonte de pesquisa permite-nos utilizar diferentes procedimentos, como a narrativa, a narrativa histórica e a etnografia, entre outros. Para isso, é necessário observar o rigor no tratamento das matérias veiculadas nos impressos periódicos e em outros meios; a profundidade com que os temas foram abordados; a condição dos sujeitos envolvidos nas matérias, como integrantes da comunidade, fontes jornalísticas, repórteres e jornalistas; seus lugares de fala; o contexto em que os fatos e os acontecimentos ocorreram; o nível de transparência; e o grau de independência assumido no tratamento das matérias pela imprensa.

Não podemos, contudo, deixar de reconhecer que a imprensa não é neutra, seja em sua essência, seja em sua atuação, considerando-se as ideologias que a orientam na sociedade e os interesses subjacentes à viabilização e à aceitação de sua linha editorial. Isso se evidencia no período colonial em Moçambique, uma vez que “[...] desde o princípio a imprensa esteve relacionada com os interesses políticos, econômicos e ideológicos das elites europeias que ocupavam o território” (Fonseca; Garcia, 2014, p. 121). Essa realidade contraditória sofreu alterações ao longo do tempo: “[...] somente no princípio do século XX irá surgir uma imprensa que põe no primeiro plano os conteúdos noticiosos e informativos. Do mesmo modo, o impulso industrial e urbano propiciou o surgimento de um jornalismo crítico das relações econômicas capitalistas” (Fonseca; Garcia, 2014, p. 121-122).

Nesse sentido, percebe-se que a imprensa moçambicana esteve política, econômica e ideologicamente associada aos poderes públicos no espaço-tempo, o que justifica a análise desse vínculo e das relações de colaboração estabelecidas.

A imprensa e a educação em Moçambique

A imprensa generalista e a imprensa pedagógica ocupam espaço privilegiado na sociedade como meios de informação, trazendo à tona reflexões sobre os diversos problemas nos quais a educação está imersa, tanto no campo quanto nas cidades.

A imprensa noticia as condições de ensino e aprendizagem, a formação dos professores, as questões de gênero e diversidade, entre outros temas. A título de exemplo, na edição n.º 1405, de 11 de outubro de 1998, da revista *Tempo*, observou-se que “[...] no campo, [...] a mulher continua sendo a companheira mais pobre do homem. Ela se ocupa, sobretudo, dos trabalhos da lavoura, de casa e, logicamente, do homem” (Tembe, 1998, p. 23). Desse modo, a imprensa pode contribuir, por um lado, para a reprodução das desigualdades, o que exige senso crítico da opinião pública consumidora das notícias e, por outro, demanda senso crítico dos produtores das notícias, em uma realidade marcada por contradições. Não obstante, deve-se reconhecer o lugar da imprensa na produção social do conhecimento.

Nesse contexto, a imprensa esteve presente nas diferentes fases da História da Educação, trazendo ao domínio público acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais. Segundo Hohlfeldt e Santos (2009, p. 21), “[...] nos anos mais recentes, pode-se verificar uma articulação crescente entre a imprensa e outros meios de informação e de comunicação, constituindo o que denominar-se-ia uma indústria cultural, mesmo que incipiente”.

Na imprensa generalista, as matérias sobre educação tinham cunho mais sociopolítico e econômico. Nos discursos das lideranças dos poderes públicos, exploravam-se as realizações no setor da educação e as pretensões futuras, ao passo que os fracassos eram justificados por eventos históricos cíclicos ou extraordinários, como o colonialismo, a guerra civil, a seca, a sabotagem, os desastres naturais e o aumento do custo de vida. No jornal *Tervero Mundo*, edição n.º 101, de setembro de 1987, Mario Veloso afirmou que “[...] a guerra e a seca estão impondo a Moçambique modificações básicas não só no seu programa econômico como na estratégia militar destinada a combater o terrorismo” (Reativar [...], 1987, p. 18).

Na imprensa pedagógica, as questões sociopolíticas e econômicas eram embasadas no analfabetismo generalizado herdado do colonialismo e à insuficiência de professores com formação psicopedagógica capazes de responder às exigências do Sistema Nacional de Educação. Ainda assim, de acordo com o discurso proferido por Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique independente, concebia-se o professor como aquele que transporta “[...] consigo um comportamento heroico” (Semana [...], 1982, p. 6), por atuar como educador das diferentes gerações. Em sua maioria, os professores trabalhavam “[...] em condições difíceis, porque a guerra continua, porque o imperialismo não quer que [continuemos], em paz, na nossa terra” (Semana [...], 1982, p. 6), o que reforça a compreensão da imprensa como ferramenta que possibilita estudar a realidade.

Assim sendo, a imprensa possibilita a realização de investigações no âmbito da História da Educação, dada a materialidade nela contida. Conforme expresso na edição n.º 619 da revista *Tempo*, “[...] a escolha das prioridades de investigação deve ser orientada pela necessidade de emancipação [...]” (Lopes, 1982, p. 14), diante das contradições identificadas na realidade social pesquisada, situada no espaço-tempo, e cientes da “[...] importância da teoria para a investigação prática; História e Ciências Sociais” (Lopes, 1982, p. 14). Nesse sentido, a imprensa abre espaço para indagarmos sobre os eventos e os fenômenos sociais em uma sociedade que vivencia emergências cíclicas.

Tais emergências mobilizam a ação de todos os segmentos sociais, incluindo os estudantes. Conforme expresso na edição n.º 459 da revista *Tempo*, essas situações eram enfrentadas por meio do “[...] apoio prestado às aldeias comunais e às vítimas das cheias” (Gomes, 1979, p. 40). A mobilização de apoios no campo educacional estendia-se às necessidades sanitárias, que exigiam a “[...] implementação de programas sanitários nas escolas [...] proceder [à] avaliação das taxas de infecção de bilharziose e paludismo” (Gomes, 1979, p. 41), entre outras ações.

Nesse olhar sobre a totalidade social, considerando as mediações e as contradições que afligem a educação de homens e mulheres, com desvantagens para as mulheres, percebe-se, pelo que foi expresso na revista *Tempo*, que “[...] ideias existem para tentar inverter essa situação, dando à mulher o lugar que ela merece na sociedade moçambicana atual” (Tembe, 1998, p. 23). Essas ideias foram exploradas nas reportagens dos periódicos impressos, evidenciando os múltiplos desafios educacionais.

Destacam-se os desafios relativos à formação inicial e continuada dos professores, às questões curriculares, à necessidade de reflexão sobre os métodos de ensino e à adoção de conteúdos relevantes diante dos problemas da comunidade. A análise desses desafios deve considerar e questionar o que foi expresso ou retratado na imprensa sobre a educação, sob o ponto de vista de sua contribuição para a transformação social, na óptica de Bottomore (2013).

Nesse sentido, no período pós-independência, a imprensa foi além do questionamento das contradições vivenciadas pela sociedade moçambicana, decorrentes das condições materiais e das relações sociais. Ela também se tornou o espaço no qual os poderes públicos construíram e teceram narrativas sobre o estado das coisas e sobre o *status quo* da educação. Nessas narrativas, as mazelas educacionais encontravam na colonização, na guerra civil, nos desastres naturais e nas cheias e inundações cíclicas as razões para as carências e para a realidade social. Nesse contexto, justificavam-se as preocupações do Estado moçambicano e dos países-membros da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (*Southern African Development Community* – SADCC), que condenaram “[...] fortemente os contínuos atos de agressão militar do regime de apartheid contra a República Popular de Angola [...], e o uso continuado de bandos armados contra Moçambique” (Lopes, 1982, p. 15).

As causas externas relacionadas à situação da educação também eram associadas a organismos internacionais, como o FMI e o BM. Esses organismos constituíram fontes de financiamento para a viabilização das políticas públicas de educação e influenciaram a análise da estrutura econômica do país e a defesa de mudanças fundamentadas em reformas estruturantes. Como expresso na edição n.º 619 da revista *Tempo*, “[...] apesar dos esforços de libertação econômica contra a agressão crescente do regime de apartheid da África do Sul” (Lopes, 1982, p. 15), o país ressentia-se dos efeitos da guerra nos diversos setores. Observe-se que “[...] tal agressão vai de chantagem política e sabotagem econômica aos ataques diretos e indiretos” (Lopes, 1982, p. 15). Essas situações colocavam em risco o desenvolvimento social e econômico.

As leituras e as releituras sobre a educação e a escola por meio da imprensa devem considerar as ideologias e o lugar ocupado por esse meio de comunicação na governação. As reflexões sobre a imprensa como fonte exigem, antes de tudo, o seguinte questionamento: De que imprensa estamos falando? Também é necessário considerar os limites, as possibilidades e o alcance da imprensa em determinado período histórico. Não se trata de uma análise centrada apenas na objetividade ou na subjetividade das matérias, tampouco exclusivamente em sua independência, isenção e transparência, mas na essência de sua atuação. Conforme consta na revista *Tempo*, “[...] as formas de organização da investigação dependem do contexto político dos países envolvidos e as metodologias de investigação [...]” (Lopes, 1982, p. 15).

Entendemos que a realização de estudos sobre a educação em Moçambique com recurso à imprensa como fonte ainda está aquém do desejável. Esse campo de investigação é incipiente, mas promissor, havendo “[...] necessidade para avanços de investigação que levem o investigador ao cerne das questões de reestruturação social e política e planificação” (Lopes, 1982, p. 15).

A realização de estudos sobre a educação à luz da imprensa abre espaço para que sejam exploradas, nas matérias, as dimensões históricas dos problemas educacionais, considerando-se os

significados sociais e profissionais atribuídos pelos indivíduos e pela coletividade. Esses problemas possuem uma história compreendida “[...] como produção da existência dos seres humanos em todos os tempo-espacos” (Ciavatta, 2019, p. 146).

A imprensa permite-nos lançar outro olhar sobre os fatos e os eventos, em um movimento entre o distanciamento e a imersão. Ela nos aproxima da realidade ao conjugar experiências, narrativas e discursos, buscando, para além da aparência, a essência dos fatos ou eventos diante da conjuntura social, política, econômica e cultural do espaço-tempo em análise. A imprensa, assim como a educação e a ideologia, deve ser estudada em seu espaço-tempo, em uma perspectiva histórica, considerando que “[...] a questão do espaço-tempo, onde os fenômenos ganham forma e materialidade, e a própria compreensão do que seja história, sua relação com o passado, o presente e o futuro [...]” (Ciavatta, 2023, p. 7) remete-nos ao caráter histórico do que foi retratado e expresso em função dos eventos ocorridos ou em curso. Suas implicações futuras precisam ser estudadas e compreendidas no contexto geral e, particularmente, no campo da educação. Para isso, é necessário analisar a vida dos seres humanos, suas lutas e suas relações.

Assim, entendemos que a imprensa, tal como a educação moçambicana, em meio a sucessivas reformas, contribui para desconstruir práticas alienantes, ainda de forma incipiente, e para reforçar ações determinantes para o acesso ao saber historicamente acumulado. Também permite “[...] conhecer como as pessoas pertencentes a diferentes classes sociais vivem, por terem acesso ou por serem privadas dos benefícios da riqueza socialmente produzida, apropriada privadamente pelas forças da produção, reprodução e acumulação do capital” (Ciavatta, 2023, p. 8). Nesse sentido, a imprensa periódica deve ser compreendida e analisada considerando-se sua influência e seu “[...] poder real, simbólico e político” (Ciavatta, 2023, p. 12). Na análise do que foi expresso pela imprensa moçambicana no discurso educacional, é necessário considerar igualmente a materialidade dos fatos e dos acontecimentos, buscando identificar subversões, reproduções ou distorções decorrentes da ideologia no espaço-tempo, uma vez que essa realidade permanece presente.

No contexto moçambicano, assim como no brasileiro, ideologia, educação e imprensa são conceitos relacionados por vínculos multifacetados. Todavia, o que distingue a imprensa, a educação e a ideologia “[...] é a concepção epistemológica e histórica dos processos que [as] constituem” (Ciavatta, 2019, p. 147). Essa distinção deve considerar, igualmente, o tipo de sociedade e sua produção ontológica.

Na realidade moçambicana, os estudos voltados à imprensa e à educação são incipientes, embora se verifique o crescimento de pesquisas com essa abordagem. Reconhece-se, ainda, que “[...] a história da imprensa em Moçambique é a mais recente, mesmo em relação às demais colônias” (Hohlfeldt; Santos, 2009, p. 21). Na atualidade, destacam-se os seguintes pesquisadores que utilizam a imprensa para a materialização de estudos educacionais: Niuaia (2019), que abordou a escola como campo de batalha, recorrendo ao *Jornal do Professor* (1982-1984), a *O Nosso Posto* (1969-1974) e a *Contacto*; Zimbico (2019), que tratou da história, da política e da educação por meio da revista *Tempo*; Rafael e Nascimento (2024), que recorreram à revista *Tempo* para abordar a Operação Produção; Vantitia e Nascimento (2024), que trataram da educação feminina na revista *Tempo*; e Souza (2022), que explorou o jornal *Voz Africana*. Também se destacam Ilídio Rocha, Valdemir Zamparoni, Antônio Hohlfeldt, Isidora de Ataíde Fonseca, Luca Bussotti, José Luís Garcia e Fernanda Grabauska, entre outros, que lançam um olhar histórico sobre a imprensa, de modo geral, na então província ultramarina de Moçambique.

Não obstante, a utilização dos impressos periódicos, sejam generalistas, sejam educacionais, exige atenção redobrada às estratégias neles subjacentes, especialmente nos casos em que os interesses particulares se sobrepõem aos interesses coletivos em decorrência do liberalismo, da

força do capital e da engenharia ideológica, uma vez que “[...] os impressos são concebidos como instrumentos que são capazes de intervir e manipular interesses na sociedade” (Guirro, 2017, p. 115).

A imprensa periódica, em Moçambique, foi e continua sendo uma aliada na mobilização de crianças, jovens e adultos para o ensino, bem como no incentivo ao ingresso e à permanência de meninas e jovens mulheres na escola, apesar dos questionamentos sobre o significado e o valor da instituição escolar para as famílias e as comunidades. A edição n.º 1405 da revista *Tempo* afirma que “[...] a escola só servirá se os pais conhecerem e beneficiarem dos frutos dela. Ninguém gosta de semear sem colher” (Tembe, 1998, p. 27). A educação ocupa lugar central na vida das pessoas, tanto para sua formação quanto para a produção de conhecimento e para o desenvolvimento nacional, o que requer investimentos.

Ao observarmos a imprensa brasileira, verificamos “[...] a falta de amadurecimento das pesquisas em história da imprensa” (Ribeiro, 2015, p. 287), raciocínio que também se aplica ao contexto moçambicano atual. Todavia, essa condição não retira da imprensa sua relevância como fonte. Pelo contrário, abre novas linhas de investigação no campo da História da Educação.

Além disso, a imprensa questiona as condições materiais de uma realidade social na qual, conforme expresso na edição n.º 1405 da revista *Tempo*, “[...] as escolas estão muito distantes uma das outras [...]” (Tembe, 1998, p. 27). Desse modo, a imprensa atua como mediadora da informação perante a opinião pública e apresenta-se como instrumento de influência e mobilização social.

Considerações finais

Com o intuito de discutir a utilização da imprensa como fonte documental para a pesquisa em Educação, apresentamos, neste artigo, dois contextos e seus respectivos aspectos sociais e de produção de ideias pela imprensa brasileira e moçambicana. Abordamos, especificamente, as relações entre educação, ideologia e imprensa, sem estabelecer comparações, tendo em vista que se trata de realidades nacionais distintas.

Adotamos a perspectiva de que a imprensa se constitui como espaço preponderante de disseminação de ideias articuladas às determinações sociais, políticas, culturais e econômicas de seu tempo, no interior das relações próprias do modo de produção capitalista e da ideologia que o sustenta. Essa ideologia contribui para naturalizar as desigualdades, desconsiderando as diferentes condições concretas da maior parte da população, que possui acesso restrito aos bens culturais.

No Brasil, a imprensa consolidou-se como espaço de divulgação de projetos políticos, econômicos e culturais. Entre seus veículos, destacam-se os periódicos educacionais, muito utilizados no início do século XX para a propagação de concepções pedagógicas, métodos de ensino e ideais civilizatórios. No caso de Moçambique, embora sua trajetória seja marcada por condições históricas específicas, a imprensa foi amplamente utilizada para a disseminação de discursos relativos à organização social e, mais especificamente, aos projetos de nação, evidenciando disputas ideológicas.

Salientamos, ainda, que, em contextos históricos distintos, como os do Brasil e de Moçambique, a análise da imprensa como estratégia metodológica para o estudo de duas realidades nacionais evidencia, em suas linhas escritas, como um mesmo modo de produção engendra formas semelhantes de produção ideológica.

A utilização da imprensa como fonte de pesquisa exige do pesquisador uma postura crítica e um método que permita compreender que ela não é neutra. Pelo contrário, a imprensa situa-se

historicamente, está sujeita à defesa de interesses, disputas e projetos e integra uma totalidade social. Nessa perspectiva, constitui-se como fonte fecunda, principalmente por sua imediatividade contextual, que possibilita desvelar, para além da aparência das matérias, as concepções que permeiam determinada sociedade.

Entendemos que as publicações atuam como agentes na construção e na disseminação de ideologias, orientadas por interesses de diferentes matizes econômicos, sociais e políticos. No Brasil, a imprensa escolar e não escolar consolidou-se como fonte de pesquisa. Em Moçambique, esse campo de investigação ainda é incipiente.

Referências

BASTOS, M. H. C. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista do ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). *In*: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 47-76.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Publicações Seriadas: História, Memória e Documentos. Origens da imprensa no Brasil. **BN Digital**, Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/acervo/origens-da-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BUSSOTTI, L. Tendências do jornalismo moçambicano contemporâneo. *In*: ASSOCIAÇÃO MOÇAMBICANA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO (ed.). **Desafios da comunicação e informação em tempos digitais**. [S. l.]: ACICOMMOZ, 2024. p. 15-30. Disponível em: <https://ebooks.uem.mz/index.php/eduem/catalog/download/5/26/217?inline=1>. Acesso em: 9 fev. 2026.

CARVALHO, C. H.; ARAÚJO, J. C.; GONÇALVES NETO, W. Discutindo a história da educação; a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). *In*: ARAÚJO, J. C.; GATTI JÚNIOR, D. (org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 66-89

CHAUI, M. de S. Ideologia e educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>

CIAVATTA, M. A historicidade das forças produtivas: um estudo do tempo presente em trabalho-educação. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 21, n. 44, p. 1-19, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i44.57468>

CIAVATTA, M. Trabalho-Educação – uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 17, n. 32, p. 132-149, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.17i32.p28306>

FONSECA, I. de A.; GARCIA, J. L. A imprensa e a emergência do jornalismo no Moçambique monárquico. **Revista Brasileira de História de Mídia (RBHM)**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 115-123, 2014.

FRANCO, M. C. A fotografia como fonte histórica: introdução a uma coleção de fotos sobre a “Escola do Trabalho”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 19, p. 27-38, 1994.

GOMES, L. D. A. Estudantes universitários em atividades de férias. **Tempo**, Maputo, n. 459, p. 40-43, 11 out. 1979.

GUIRRO, L. A. Lembrar é preciso: as conquistas portuguesas revisitadas por exemplares da imprensa colonial elaborada em Portugal e Moçambique (1922-1937). **Antíteses**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 115-136, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2017v10n19p115>

HOBSBAWM, E. J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOHLFELDT, A. Imprensa das colônias de expressão portuguesa: primeira aproximação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 51, p. 135-154, jan./jun. 2009.

HOHLFELDT, A.; GRABAUSKA, F. Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 195-214, 2010. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v6n1.2010.255>

HOHLFELDT, A.; SANTOS, J. M. dos. Síntese histórica da imprensa moçambicana: tentativa de interpretação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba: INTERCOM, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/21995?mode=simple>. Acesso em: 26 fev. 2026.

LOPES, A. Apoiar libertação econômica – apela cientistas sociais no final da reunião de Maputo. **Tempo**, Maputo, n. 619, p. 14-15, 22 out. 1982.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio de periódicos. *In*: PINKSY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma Ontologia do ser social**. 1. ed. rev. Tradução: Lya Luft e Rodnei Antônio do Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUXEMBURGO, R. **História e consciência de classe**: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARX, K. Capítulo 1. A mercadoria. *In*: MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 113-158.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto del Partido Comunista**. Pekín: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1965.

MÉSZÁROS, I. Transformações materiais e formas ideológicas. *In*: MÉSZÁROS, I. **Estrutura social e formas de consciência II**: a dialética da estrutura e da história. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 105-176.

NASCIMENTO, M. I. M.; ZANLORENZI, C. M. P.; LEAL, S. do R. F. O pedagogo e o educador: modelos ideológicos propostos pela revista O Ensino (1922-1924). **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 18, e21365, p. 1-12, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.18.21365.046>

NIUAIA, S. V. **Escola como campo de batalha**: impressos, formação de professores e psicologia da educação em Moçambique (1969-2010). 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ORGANIZAR a classe operária para a grande ofensiva da produção. **Tempo**, Maputo, n. 316, p. 16-28, 24 out. 1976.

PASQUINI, A. S.; TOLEDO, C. A. A. Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas-Educação**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 257-267, jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2014v2n3p257-267>

POULANTZAS, N. **Poder político e classes sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

RAFAEL, G. D.; NASCIMENTO, M. I. M. A imprensa e o processo histórico da operação-produção para o combate à fome. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 83, e20240311, p. 1-29, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420240311>

REATIVAR a economia e os transportes. **Terceiro Mundo**, [s. l.], n. 101, p. 18-21, set. 1987.

RIBEIRO, A. P. G. Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 38 n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442015214>

SEMANA do professor: mensagem de Samora Machel. **Jornal do Professor**, Maputo, ano II, n. 10, p. 5-6, set./out. 1982.

SOUZA, C. F. L. do V. **Cidadania de papel**: a seção de cartas do jornal moçambicano voz africana (1962-1964). 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

TEMBE, A. Escola? Não obrigado – o coqueiro é melhor. **Tempo**, Maputo, n. 1405, p. 23-27, 11 out. 1998.

VANTTTIA, F. J. B.; NASCIMENTO, M. I. M. Educação feminina na revista Tempo: Expressão do liberalismo em Moçambique pós-Independente (1975-1990). *In*: COLÓQUIO NACIONAL, 14.; INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO DA UESB, 7.; SEMINÁRIO NACIONAL, 7., 2024. **Anais** [...]. Vitória da Conquista: UESB, 2024. p. 1127-1131

ZANLORENZI, C. M. P.; NASCIMENTO, M. I. M. Análise da imprensa como fonte de pesquisa para a história da educação. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1181-1192, jul./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v15i3.12706>

ZIMBICO, O. J. História, política e Educação: o novo modelo de escolarização primária em Moçambique. **Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 67-76, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.1.28623>

Recebido em 30/04/2026

Versão corrigida recebida em 13/06/2026

Aceito em 14/06/2026

Publicado online em 22/06/2026